

ie] ^A

ARQUEOLOGIA DO ORIENTE ANTIGO:

A Materialidade através do Tempo

Marcio Teixeira-Bastos
Vagner Carvalho Porto
(Org.)

ARQUEOLOGIA DO ORIENTE ANTIGO:

A materialidade
através do tempo

Marcio Teixeira-Bastos
Vagner Carneiro Porto
(Org.)



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Catálogo na Publicação
Divisão de Gestão de Tratamento da Informação da
Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais da USP

Arqueologia do Oriente Antigo : a materialidade através do tempo
[recurso eletrônico] / Marcio Teixeira-Bastos, Vagner
Carvalho Porto (Org.). - São Paulo : Instituto de Estudos
Avançados, Universidade de São Paulo, [2024].
655 p. : mapas, fots.

ISBN 978-65-87773-67-4

DOI 10.11606/9786587773674

1. Arqueologia 2. Oriente Médio I. Teixeira- Bastos, Marcio. II.
Porto, Vagner Carvalho.

CDD (23.ed) – 930.1

Elaborado por Cristina Miyuki Narukawa – CRB-8/8302

Ficha técnica

Preparação e revisão
Piero Younan Kanaan | Tikinet
Sandy Marques | Tikinet

Projeto gráfico e diagramação
Tie Ito

Produção editorial
Fernanda Cunha Rezende

Créditos de imagens

Imagem de capa: Depositphotos Inc.

Imagens de abertura dos capítulos: 1. Umut Özdemir/ Ministério da Cultura e do Turismo da Turquia; 2. Murat Özsoy 1958/Wikimedia Commons; 3. Bertramz/Wikimedia Commons; 4. Vyacheslav Argenberg/Wikimedia Commons; 5. David Bjorgen/Wikimedia Commons; 6. Mgiganteus/Wikimedia Commons; 7. Oren Tal; 8. Doado por Harrogate Museums and Arts/Wikimedia Commons.

ARQUEOLOGIA DO ORIENTE ANTIGO:

**A materialidade
através do tempo**

**Marcio Teixeira-Bastos
Vagner Carneiro Porto
(Org.)**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS

Diretora: Roseli de Deus Lopes

Vice-diretor: Marcos Silveira Buckeridge

SUMÁRIO

7 Oriente Médio e alguns aforismos
Os organizadores

11 Prefácio
Pedro Paulo Funari

16 Introdução
Ivan Esperança Rocha

23 TURQUIA

24 As vitalidades de Çatalhöyük
Ian Hodder

57 Dois mil anos de cerâmica na Cilícia: as cerâmicas nos
museus locais do sul da Turquia (da orientalização até a
Idade Média)
Ergün Lafli e Maurizio Buora

116 Considerações sobre o estudo das ruas na Antiguidade:
Antioquia e a Avenida das Colunatas
Gilvan Ventura da Silva

143 IRAQUE

144 A materialidade e o divino na Antiga Mesopotâmia:
questões teóricas e possibilidades analíticas
Marcelo Rede

168 História e arqueologia do Antigo Iraque: as marcas do
tempo na argila
Kátia Pozzer

- 196 Vivendo nas montanhas Zagros na Idade do Ferro (1200-600 AEC): novas investigações no complexo de assentamentos de Dinka (Rio Zab), região autônoma curda do Iraque
Florian Janoscha Kreppner
- 216 Arqueologia forense e ação forense humanitária em área de conflito armado ativo
Rafael de Abreu e Souza

242 SÍRIA

- 243 A cultura e a civilização urbana na Síria Jezira durante o início da Idade do Bronze
Ahamad Serieh
- 269 Afinal, o que são casas-igrejas? Notas sobre ambientes culturais à luz de três comunidades religiosas da “Wall Street” (Dura-Europos, Síria, século III AEC)
André Leonardo Chevitarese e Juliana Cavalcante
- 287 O Médio Eufrates e sua transformação do século III ao VII EC: o caso de Dibsi Faraj
Anna Leone e Alexander Sarantis

331 LÍBANO

- 332 Uma visão holística da arqueologia do Líbano
Hanan Charaf
- 364 Fenícios e seu processo de expansão no Mediterrâneo Oriental
Maria Cristina Kormikiari Passos

388 JORDÂNIA

- 389 Compreendendo os recursos hídricos de uma cidade da Transjordânia na Longue Durée: o projeto germano-dinamarquês no Bairro Noroeste de Jerash-Gerasa, Jordânia
Achim Lichtenberger e Rubina Raja

- 418 Considerações sobre o uso da ordem dórica na Era Helenística no Mediterrâneo Oriental
Leonardo Fuduli

431 CHIPRE

- 432 A história e arqueologia do Chipre Antigo
Sabine Rogge
- 493 Observações sobre a investigação multidisciplinar de lucernas do Período Helenístico e Romano em Nea Paphos, Chipre
Malgorzata Kajzer

507 ISRAEL

- 508 Cultura material como amuletos: elementos mágicos e o apotropaico na Palestina Romana
Vagner Carvalheiro Porto e Juliana Figueira da Hora
- 529 Os samaritanos na Planície do Sharon: materialidade, etnicidade e a religião na Antiguidade
Marcio Teixeira-Bastos e Oren Tal
- 564 Uma sinagoga samaritana do Período Bizantino em Apollonia-Arsuf/Sozousa?
Oren Tal e Marcio Teixeira-Bastos

585 EGITO

- 586 A cultura material e o *post mortem* faraônico do Novo Império: os shabtis reais e os domínios osiríacos
Cíntia Alfieri Gama-Rolland
- 608 Por que não os qurnawis? Por que não os sul-americanos? Egiptologia, colonialismo e violência epistêmica
José Roberto Pellini

644 Biografia dos autores

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO ANTIGO IRAQUE: AS MARCAS DO TEMPO NA ARGILA

Katia Maria Paim Pozzer

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre*

O termo Iraque (em árabe, Al-'Iraq), é derivado de *Eraq*, na língua persa, e significa “terra baixa”. Na Antiguidade a região era conhecida por Mesopotâmia, terminologia herdada dos gregos, para indicar a “terra entre rios”, fazendo referência ao Tigre e ao Eufrates, que atravessam o território de norte a sul. Examinar a história do antigo Iraque, através do estudo de sua cultura material e das evidências arqueológicas na região, é o teor de nossa proposta.

Assim, neste capítulo, apresentaremos informações sobre o ambiente geográfico da região, seguido por uma discussão acerca do surgimento das primeiras ocupações urbanas. Trataremos do contexto histórico, oferecendo uma breve cronologia para os períodos da Antiguidade. Realizaremos, ainda, um sintético levantamento das escavações arqueológicas empreendidas na Mesopotâmia, a partir do estudo de caso de três sítios arqueológicos distribuídos geograficamente no território iraquiano. O sítio arqueológico de Larsa, cidade de grande expressão política no período paleobabilônico e caso raro de escavações em áreas habitacionais, revela um pouco mais sobre a história do cotidiano na Baixa Mesopotâmia. Já o centro do país será exemplificado pela mítica cidade de Babilônia, capital do mundo na época de Nabucodonosor. Por fim, a antiga capital assíria, Nínive, famosa por sua colossal biblioteca e pelos relevos dos seus palácios, será o exemplo da região norte. Finalizaremos o capítulo com algumas considerações sobre a situação atual do patrimônio histórico e cultural iraquiano, frente aos conflitos militares que ainda castigam a região.

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO ANTIGO IRAQUE

Introdução

Há oito mil anos, quando a maioria das sociedades do mundo era composta de caçadores-coletores, as populações da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, já tinham inventado a agricultura e a irrigação, que lhes permitiu fertilizar o deserto. Na Suméria, foram inventados os fundamentos de todas as civilizações subsequentes: a escrita, a matemática, a urbanização, a administração, a astronomia, o calendário, a codificação das leis, a economia, a medicina e a literatura. A primeira cidade do mundo, Uruk (cerca de 3750 AEC), esteve na origem da revolução urbana que se espalhou para as margens do Mediterrâneo, da Península Arábica, do Egito e da Índia.



Fig. 1 - Mapa político do Oriente Médio.
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

ARQUEOLOGIA DO ORIENTE ANTIGO

Há duzentos milhões de anos, duas antigas massas continentais começaram a se quebrar e escorregar uma sobre a outra – isto é, houve um movimento das placas tectônicas. A placa arábica passou sob a placa iraniana e baixou, em relação ao nível do mar, formando o Golfo Pérsico⁴⁸ e as terras baixas da Mesopotâmia, onde correm os dois principais rios, o Tigre e o Eufrates. O mesmo movimento provocou a formação dos Montes Zagros, a gigantesca cadeia de montanhas que corta o Irã de norte a sul, a nordeste da Mesopotâmia.

A região conhecida por Oriente Próximo também recebeu o nome de “País de Cinco Mares”, pois compreende o território entre o Mar Mediterrâneo, o Mar Negro, o Mar Cáspio, o Golfo Árabo-Pérsico e o Mar Vermelho (Fig. 1). No entanto, os mares tiveram um impacto menor do que a terra na instalação dos homens na região. O Oriente Próximo apresenta uma grande diversidade de paisagens: dos pântanos do sul do Iraque às montanhas cobertas de neve do Irã, passando pelo deserto basáltico da Jordânia e Síria e o deserto de areia do Saara no Egito. Cada meio geográfico possui uma vegetação diferente e impõe aos seus habitantes métodos diferentes de subsistência (ROAF, 2006, p. 17).

A paisagem e a vegetação da região são bem variadas devido aos processos geológicos e aos efeitos mais recentes da água, do vento e do gelo, com cinco situações distintas (ROAF, 2006, p. 21):

1. Costa Mediterrânea: florestas abertas com espécies de pinheiros que sofrem desmatamento milenar. Há regiões onde a floresta foi substituída por arbustos frutíferos como a oliveira, o morangueiro, o loureiro, etc.;
2. Costa do Mar Negro e do Mar Cáspio: florestas úmidas subtropicais de pinheiros e plátanos;
3. Regiões Montanhosas: na Anatólia, os Montes Taurus, com florestas de pinheiros (cedro do Líbano); no Irã, os Montes Zagros e o Elburz;
4. Estepes: na Mesopotâmia, com as planícies irrigadas com o aluvião dos Rios Tigre e Eufrates, no Egito, com o Delta do Nilo, e no Levante, com o Vale do Jordão;
5. Desertos: na Jordânia, Síria e Egito, com arbustos e vegetação rara.

Desde a última glaciação, assistimos ao fenômeno de elevação do nível do mar (Fig. 2). Em 15000 AEC, o nível do mar era 100 m inferior ao que ele alcançou em 4000 AEC, cujos valores se mantiveram até os dias de hoje. Na maior parte do Oriente Próximo esta elevação não afetou significativamente as

48 A nomenclatura do Golfo também varia: os iranianos preferem chamá-lo de Golfo Pérsico, numa clara alusão ao passado persa da região, e os árabes chamam-no de Golfo Árábico.

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO ANTIGO IRAQUE

terras, mas, na região do Golfo, tudo ficou submerso e uma grande quantidade de sítios arqueológicos de caçadores-coletores às margens do Tigre e do Eufrates se perdeu. As planícies aluviais da Mesopotâmia e do Delta do Nilo no Egito foram criadas quando o mar atingiu seu nível atual. O Vale do Nilo era mais amplo e mais rico do que a Mesopotâmia e as inundações anuais eram mais previsíveis e menos violentas, portanto mais fáceis de controlar. Isso possibilitou uma intensa atividade agrícola. A geografia do Egito era mais uniforme e isto teria contribuído com um certo isolamento cultural em relação aos povos vizinhos, diferentemente da Mesopotâmia.



Fig. 2 - Mapa Geográfico do Golfo Pérsico.

Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Persian_Gulf_relief_location_map.png

O sul do Levante, se comparado ao Egito e à Mesopotâmia, pode ser considerado como mais abastecido em fontes naturais de água, que são motivos de conflitos até os dias de hoje. O Jordão é o rio mais importante, com 360 km de comprimento, além do Lago Tiberíades ou Mar da Galileia e o Mar Morto.

Em razão de sua grande extensão norte-sul, o Oriente Próximo é subdividido em três zonas climáticas diferentes: a maior parte, que se encontra na zona subtropical temperada quente; uma faixa estreita de terras altas da Anatólia, de clima de estepes de zona temperada fria; e, ao sul, a península arábica, na zona intertropical. As chuvas caem principalmente na estação fria, mas com uma grande variação: desertos têm menos de 100 mm/ano e estepes de 200 a 400 mm/ano.

Localmente, podem ultrapassar os 1.000 mm/ano, mas sem regularidade, podendo haver vários anos seguidos de seca (ROAF, 2006).

Há 15.000 anos, a bacia do Jordão beneficiou-se do lento reaquecimento pós-glacial e passou a oferecer aos pequenos grupos de caçadores uma variedade e abundância de recursos naturais que permitiu a sua fixação. A adoção da vida sedentária teve por consequência imediata um notável desenvolvimento demográfico e cultural que preparou a vida para a eclosão de uma civilização neolítica durante o oitavo milênio AEC.

Contexto histórico

Há mais de doze mil anos, aproximadamente, o homem, no Oriente Próximo, descobriu um novo modo de produção de alimentos: a plantação simples seguida da domesticação de plantas e animais. O desenvolvimento da agricultura no Oriente Próximo foi seguido por uma rápida difusão para a Europa, a África e a Ásia. Em pouco tempo, os grupos de caçadores-coletores, cujo modo de vida havia se mantido o mesmo por milhões de anos, foram substituídos pelas aldeias sedentárias (MARGUERON, 1996).

A introdução da agricultura acarretou outras modificações importantes. A casa passou a ser elemento permanente na vida da aldeia e os homens começaram a explorar novos materiais e tecnologias, como o trabalho com metal, a cerâmica e a escultura em pedra. A prática da agricultura garantiu bases alimentares estáveis, favorecendo a expansão demográfica rápida e permitindo o desenvolvimento de novas atividades culturais que culminaram com a revolução urbana. Gradualmente, novas formas de organização social se desenvolveram, com o surgimento das cidades, das religiões institucionalizadas e da escrita. As sociedades agrícolas e urbanas, a partir do Oriente Próximo, se expandiram em direção à Europa, onde, por intermédio dos gregos e dos romanos, contribuíram para a formação de nossa civilização atual.

Estes primeiros grupamentos no Oriente Próximo, no quarto milênio AEC, se situaram em regiões de colinas, à beira de lagos e mares, e as planícies baixas, que recebiam pouca precipitação anual, foram ocupadas por tribos nômades. No Egito, as cheias do Nilo ocorriam no período de crescimento das plantações, o que permitia aos cereais crescerem sem o fornecimento suplementar de água. No restante do Oriente Próximo, as cheias se davam na primavera, no pior momento,

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO ANTIGO IRAQUE

o período da sementeira, forçando a busca de soluções para o problema. Assim, o desenvolvimento da irrigação artificial, com a construção de canais e diques de proteção, possibilitou uma modificação na ocupação do espaço na região. A colonização das planícies aluviais férteis, mas castigadas pela seca, levou a colheitas mais abundantes, o que permitiu a populações mais numerosas de ali viverem, levando ao surgimento das primeiras cidades (CARDOSO, 1986).

As cheias dos dois principais rios mesopotâmicos são bastante irregulares, causadas por importantes precipitações nos períodos mais quentes do ano. Nestes intervalos, o nível dos rios sobe, muitas vezes com violência, depositando enormes quantidades de aluvião, mas também causando destruição das plantações. Para enfrentar este grave problema natural, os mesopotâmicos criaram um sistema de diques, reservatórios e canais de irrigação que permitiu não somente controlar as cheias, mas também obter duas colheitas anuais.

Na passagem do quarto para o terceiro milênio AEC, considera-se que houve uma mutação da civilização, evidenciada nos aspectos demográficos, tecnológicos, socioeconômicos e ideológicos, resultado de um longo processo de mudança estrutural daquela sociedade.

O período do neolítico foi caracterizado pela existência de comunidades mais ou menos homogêneas, autossuficientes do ponto de vista econômico (eram capazes de produzir tudo o que consumiam), sendo algumas aldeias maiores ou mais prósperas do que outras, com famílias mais ricas e numerosas do que outras, e com um nível de especialização técnica ocasional e dispersa. Em outras palavras, a sociedade neolítica continha elementos de desigualdade econômica, social, política e ideológica.

Neste momento da história, as aldeias produziam seu próprio alimento, baseadas na agricultura e na pecuária, além de todos os bens que necessitavam, como objetos de uso doméstico e cotidiano: as ferramentas, a produção de artesanato (cerâmica, tecidos) e mesmo objetos de luxo que envolviam toda a mão de obra disponível na aldeia. Assim, durante uma parte do ano o aldeão trabalhava no campo; outra parte do tempo, quando vinham as cheias dos rios, este mesmo aldeão, em sua própria casa, produzia um ou mais tipos de artesanato – é o que chamamos de especialização técnica ocasional e dispersa.

Porém, com o desenvolvimento da agricultura e da irrigação artificial, que levou a um aumento das reservas alimentares, graças às duas colheitas anuais,

tivemos uma maior especialização das atividades artesanais e técnicas, pois parte da mão de obra foi liberada dos trabalhos agrícolas e pôde se dedicar, integralmente, às atividades técnicas durante todo o ano. Isto possibilitou uma verdadeira sistematização da divisão social do trabalho. O resultado foi um salto organizativo com a separação da produção primária (agricultura e pecuária) e da especialização técnica (artesanato), concentrando o especialista em um centro maior, proto-urbano, deixando o camponês disperso na aldeia. Estabeleceu-se, assim, uma relação de complementaridade da aldeia, agora estruturalmente tributária da cidade. A sistematização da especialização e da divisão social do trabalho, associada à concentração espacial e à individualização do polo decisório, antes coletivo, deram origem à organização do templo e do palácio, que foram as principais estruturas das cidades que surgiam (BOUZON, 1998).

O surgimento da cidade

As causas da gênese dos grandes centros urbanos continuam em discussão, mas podemos afirmar que o principal fator foi o desenvolvimento dos templos, que exerceram um papel religioso, mas também econômico e administrativo.

No início do quarto milênio AEC, a região do antigo Iraque era ocupada por diferentes populações: pastores do deserto, pescadores dos pântanos e agricultores das planícies. Eles formaram um núcleo de contato com os povos de áreas montanhosas distantes, em busca de matérias-primas inexistentes no sul da região, tais como pedra, metal e madeira. Iniciou-se, assim, um processo de diferenciação social, no qual um grupo conquistou o monopólio sobre a produção da riqueza daquela sociedade.

Considera-se que o processo de urbanização ocorreu, inicialmente, entre 4000 e 3000 AEC, no sul mesopotâmico, e que produziu transformações sociais notáveis, engendrando o desenvolvimento das cidades, com cinco características básicas:

1. A transição para uma sociedade onde vivia um grande número de pessoas em um espaço restrito, com o princípio da divisão social do trabalho;
2. A sociedade fundada em relações familiares e tribais dá lugar a uma organização política baseada em princípios territoriais;
3. Sociedade dividida em categorias sociais e governada por uma elite religiosa, militar e política, que acumulava riqueza através da cobrança de taxas e tributos, podendo, assim, construir prédios públicos monumentais;
4. O nascimento do artesanato profissional contribuiu para o surgimento do comércio à longa distância;

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO ANTIGO IRAQUE

5. Esta nova organização da sociedade produziu uma nova riqueza: o tempo. E com ele o homem foi capaz de realizar novas descobertas e invenções, entre elas a escrita, as ciências exatas e a arte de representação.

Todos estes elementos estavam presentes, em grau variado, na Mesopotâmia Meridional no final do quarto milênio AEC. Os dados arqueológicos nos permitem afirmar que, em torno de 3750 AEC, em Uruk, houve o ponto de partida da urbanização, com uma proliferação rápida e massiva de aldeias na Baixa Mesopotâmia. No espaço de dois séculos o número de aglomerações passou de dezoito para 183 e estima-se que o número de habitantes tenha sido multiplicado por dez, produzindo uma verdadeira explosão demográfica (MARGUERON, 1996, p. 253). Este fenômeno pode ser explicado por três fatores distintos. O primeiro seria o crescimento natural da população, estabelecida em um meio ecológico favorável, graças aos avanços tecnológicos empregados na agricultura irrigada, que permitiu a garantia da sobrevivência material. Também deve-se considerar o processo de sedentarização progressivo de tribos nômades e seminômades ocorrido e, finalmente, a imigração de povos do norte da Mesopotâmia, atraídos pelas vantagens da agricultura irrigada.

Em 3500 AEC, surgem centros como Uruk, com uma instituição urbana fundamental – o templo – representado arquitetonicamente por uma plataforma monumental, que simbolizava seu poder. E foram nestes templos que vários aspectos da sociedade surgiram: a escrita, o Estado, o sistema jurídico, a arte e a arquitetura, entre outros.

Por volta de 2800 AEC, iniciaram-se disputas pela hegemonia política dos territórios vizinhos entre os vários centros urbanos no sul mesopotâmico. O resultado dessas guerras transformou o desenvolvimento dessas cidades, pois as revoltas no interior do país levaram a uma migração significativa do campo para a cidade, fazendo com que a maioria da população se tornasse urbana. Do ponto de vista arquitetônico, maciças fortificações foram construídas para garantir a segurança destas cidades, definindo assim a diferença entre o espaço urbano e o rural e restringindo o acesso a determinados pontos, os portões das muralhas. As necessidades de guerra exigiram um maior desenvolvimento da autoridade política e militar, fazendo nascer a segunda principal instituição urbana – o palácio. As cidades mesopotâmicas passaram, então, a contar com dois centros de poder: um político e militar – o palácio –, e outro econômico e religioso – o templo (POZZER, 2010).

Além destas duas formações principais, o palácio como centro de poder político e o templo como centro religioso, houve, também, outras estruturas urbanas. Os espaços públicos e as construções comunitárias tiveram um papel importante na sociabilidade da época. A tradição mostra que a porta da cidade desempenhava um papel relevante na vida social. Ela era o ponto de encontro entre o interior e o universo exterior, lugar de chegada de caravanas e das feiras, evidenciando que o urbanismo oriental não era refratário à noção de espaço comunitário. Outro lugar na cidade mesopotâmica que teve um papel privilegiado na vida cotidiana foi o porto. Este foi elemento necessário a toda cidade instalada às margens de um rio ou um canal: lugar de embarque e desembarque de mercadorias, pagamento de taxas, troca de bens e de notícias. Enfim, fazia parte das instalações comunitárias o sistema de defesa. A muralha era conhecida pelos antigos como o componente essencial porque formava uma fronteira entre o mundo ordenado e civilizado da cidade e o mundo selvagem da estepe (MARGUERON, 1996).

Os bairros de habitação formam outra parte da cidade antiga oriental, mas raras são as informações sobre eles, pois somente algumas escavações arqueológicas foram realizadas nestes espaços urbanos.

Finalmente, as vias de comunicação são consideradas como parte integrante da estrutura urbana. Sabemos que as ruas eram normalmente de terra, mas a avenida conhecida com Via Processional na cidade de Babilônia era pavimentada por lajes de cerâmica. Sabe-se também que desde o fim do quarto milênio AEC algumas cidades já contavam com uma rede de esgotos (MARGUERON, 1996, p. 261).

Ao longo de três mil anos de história, essa região abrigou diferentes culturas, como a suméria, a babilônica e a assíria. A estrutura política básica foi a da cidade-estado, marcada pela pulverização do poder, onde cada cidade-estado disputava a hegemonia política sobre uma região, dando origem aos diversos períodos históricos (POZZER, 2003b).

Uma breve cronologia

Podemos dividir a cronologia da Mesopotâmia (Fig. 3) em três grandes momentos, a saber o terceiro, o segundo e o primeiro milênio AEC⁴⁹:

49 AEC é a sigla para Antes da Era Comum.

Cronologia da Mesopotâmia

	Períodos	Datas aproximadas (AEC)
3º milênio AEC	Dinastias Arcaicas	2900-2330
	Império de Akkad	2330-2100
2º milênio AEC	Época Neossuméria	2100-2004
	Período de Isin-Larsa	2004-1750
	Período Paleobabilônico	1750-1595
	Época Cassita	1595-1100
	Infiltração Aramaica	1100-1000
1º milênio AEC	Dominação Assíria	1000-610
	Império Neobabilônico	610-539

Fig. 3 - Quadro cronológico resumido da Mesopotâmia.
 Fonte: Katia Maria Paim Pozzer.

Cada um destes grandes momentos pode ser subdividido em períodos (Fig. 4), nomeados segundo a região que exercia a principal hegemonia política (POZZER, 2013).

Dinastias Arcaicas: a mais antiga inscrição real de que temos conhecimento, datada do século XXVIII AEC, indica o soberano Mebaragesi como rei de Kiš; em Ur, foram escavadas tumbas no Cemitério Real; Meskalamdu, rei de Ur; Ur-Namše funda uma nova dinastia em Lagaš. Entre os séculos XXV e XXIV AEC, uma guerra de cem anos opõe os reinos de Umma e Lagaš.

Império de Akkad: entre os anos de 2285 e 2229 AEC a Mesopotâmia é unificada pela primeira vez, sob o comando de Sargão, rei de Akkad; de 2202 a 2166 AEC o neto de Sargão, Narâm-Sîn celebra a paz com o Elam, destrói o reino de Ebla e leva o império a um período de apogeu; a partir de 2065 AEC começam as dissidências, e Lagaš se torna reino independente.

Época Neossuméria: Ur-Nammu funda o império de Ur; sob Šulgi o império se organiza e são empreendidas várias campanhas militares contra os elamitas, os habitantes dos Montes Zagros contra os hurritas ao norte. A partir de 2035 AEC há a chegada massiva de populações amorritas vindas do oeste; em 2004 AEC o rei Ibbi-Sîn não consegue evitar a derrocada do império de Ur III.

ARQUEOLOGIA DO ORIENTE ANTIGO



Fig. 4 - Mapa dos impérios da Mesopotâmia.

Fonte: Wikimedia Commons. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Moyen_Orient_13e_si%C3%A8cle-pt.svg

Período de Isin-Larsa: O segundo milênio AEC se inaugura com o período de alternância no poder das duas cidades do sul mesopotâmico, Isin e Larsa; entre 2017-1985 AEC Išbi-Erra funda uma nova dinastia e se reivindica herdeiro do império de Ur; 1934-1924 AEC reina Lipit-Ištar, último rei da dinastia e autor do famoso código de leis que leva o seu nome; neste período, vários reinos rivalizam a disputa pelo poder na região, como os reinos de Ešnunna e de Larsa, no centro do “país” e de Aššur ao norte. A partir de 1930 até 1843 AEC, temos um período de grande prosperidade do reino de Larsa; Rîm-Sîn governa um dos mais longos reinados da história (1822-1763 AEC), realiza importantes campanhas militares e conquista Uruk e Isin. A partir de 1850 AEC, temos uma sequência de reis audaciosos no comando de Ešnunna, com importantes conquistas territoriais ao norte e leste. Neste mesmo período, destacam-se os reis amorritas de Mari e as poucas fontes da história assíria nos indicam uma forte atividade mercantil na Capadócia.

Período Paleobabilônico: Samsi-Addu (1834-1776 AEC), rei de Ekallatum conquista Mari e Assur e funda o reino da Alta Mesopotâmia; Rîm-Sîn de Larsa controla a Suméria (1793 AEC) e a Síria do norte é dominada pelo reino de Alep.

Hammu-rabi de Babilônia reina entre 1792 e 1750 AEC, empreende inúmeras conquistas territoriais (dentre elas Larsa, Mari e a Assíria) e promulga o código de leis. Em 1595 AEC, Babilônia é capturada pelos hititas.

Época Cassita: Agum-Kakrimé reina na Babilônia cassita por volta de 1570 AEC; apogeu nos séculos XV-XIV AEC; aliança com o Egito; entre 1380 e 1265 AEC há uma série de conflitos e tratados de paz que terminam com a invasão elamita na Babilônia do norte e o início do declínio cassita. Em 1235 AEC, a Babilônia torna-se uma província assíria; por volta de 1160 AEC o Elam invade e conquista a região da Babilônia.

Infiltração Aramaica: Com Aššur-reša-iši (1132-1115 AEC) no comando da Assíria, temos os primeiros confrontos com os arameus; Nabucodonosor I reina na Babilônia (1126-1105 AEC); o século X AEC é marcado por importantes conquistas aramaicas, aparecimento dos caldeus; de 1114 a 900 AEC, os caldeus e os arameus se estabelecem sobre todo o território da Mesopotâmia do sul e do norte.

Dominação Assíria: o final do século X AEC é o início do crescimento do império neoassírio, que aporta inovações tecnológicas no exército e se consolida como a grande potência militar e política do Antigo Oriente Próximo, com os reis Assurnazirpal II, Sargão II, Senaqueribe e Assurbanipal, por exemplo. Em 612 AEC, a coalizão meda e babilônica vence o último rei assírio e implanta o império neobabilônico.

Império Neobabilônico: Sob o reinado de Nabucodonosor II (604-562 AEC), a Babilônia conquista Jerusalém e promove a deportação de populações. Em 539 AEC, os persas invadem a Babilônia, que se torna uma satrápia do império persa.

Organização econômica e social

A Mesopotâmia se encontrava na zona do Crescente Fértil e sua economia era baseada na agricultura e na pecuária, associada a atividades artesanais e ao comércio (Fig. 5). Porém, esta região era desprovida de chuvas, sendo necessário o emprego da irrigação para garantir a produção de alimentos. Como vimos anteriormente, a agricultura artificialmente irrigada foi uma das inovações tecnológicas mais importantes do início do terceiro milênio AEC. Assim, os mesopotâmicos criaram uma rede de canais de irrigação, com depósitos de água e barragens que possibilitavam a fertilização de uma área de terra maior do que as encostas dos rios, chegando à obtenção de até duas colheitas anuais. (LIVERANI, 2016).

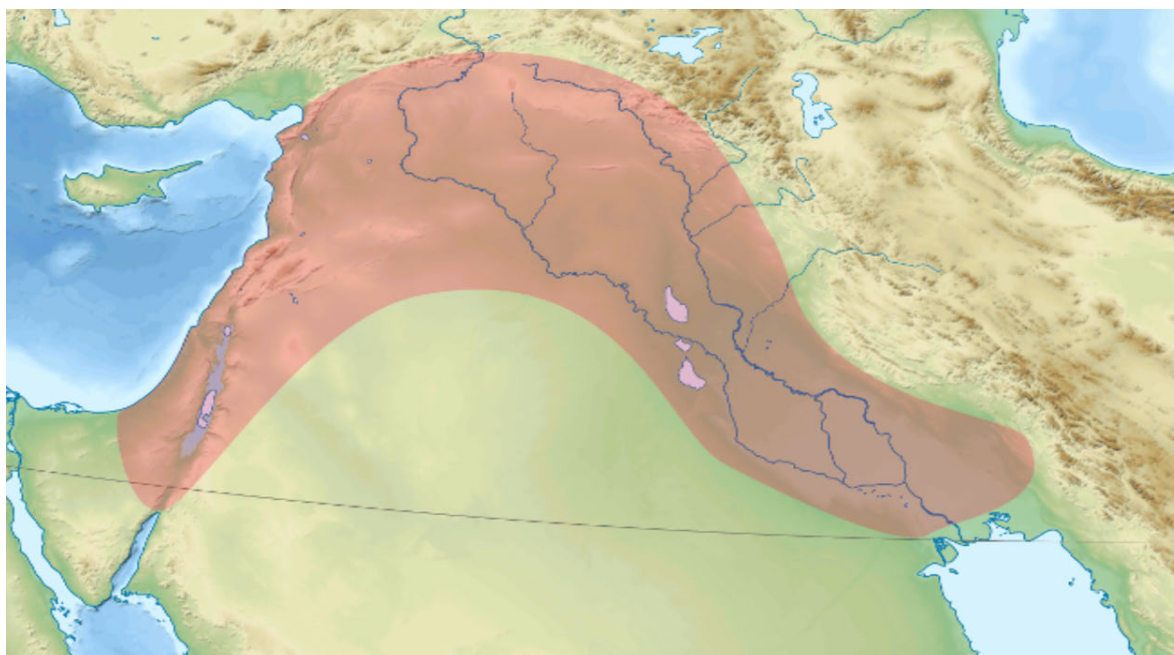


Fig. 5 – Mapa do Crescente Fértil. Ancient records of Egypt “Fertile crescent”. James Henry Breasted (1865-1935), 1906.

Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Fertile_Crescent#/media/File:Fertile_Crescent.png

Um tema de fundamental importância para entendermos a sociedade mesopotâmica foi o da propriedade das terras. No terceiro milênio AEC, as terras eram, majoritariamente, de propriedades dos templos e dos palácios, administradas por príncipes e sacerdotes que se beneficiavam dos impostos pagos pelos camponeses que detinham tão somente o usufruto destas terras. Além disso, havia as terras comunais e, em algum percentual não relevante, a propriedade privada. Os reis podiam conceder o usufruto das terras públicas aos soldados e altos dignitários que podiam ser herdadas, mas não vendidas. A Mesopotâmia conheceu, no segundo milênio AEC, um crescimento das atividades de comércio, com um processo de enriquecimento de mercadores que passaram a adquirir terrenos urbanos (POZZER, 2003a). No primeiro milênio AEC, houve uma retomada do papel dos templos na economia, sendo que reis assírios e babilônicos realizaram importantes doações de terras aos sacerdotes administradores destes templos (CARDOSO, 1986).

Segundo o Código de Hammu-rabi, a sociedade mesopotâmica estava dividida em três grupos sociais distintos: o *awilum*, o homem livre que possuía todos os direitos; o *muškenum*, uma categoria social intermediária, dependentes do palácio; o *wardum*, escravo, e *antum*, escrava, que podiam ser escravos de nascimentos, prisioneiros de guerra ou, ainda, teriam chegado à situação de escravidão por dívidas (BOUZON, 2000).

História da arqueologia no Iraque

Os vestígios materiais das grandes civilizações que ocuparam o território do antigo Iraque já eram conhecidos dos habitantes nativos da região, mas foi somente com os relatos dos primeiros viajantes europeus, no século XII EC que a existência destas magníficas ruínas chegou ao conhecimento do mundo ocidental.

Durante séculos, a única referência a estes lugares era o texto bíblico, que descrevia algumas das cidades mesopotâmicas como causadoras do mal ao povo de Israel. Portanto, as informações que intelectuais e viajantes dispunham estavam assentadas em visões tendenciosas e negativistas deste passado.

Assim, os estudos e publicações das primeiras sondagens e escavações arqueológicas, acompanhadas de desenhos e aquarelas feitas pelos artistas enviados à região para documentar iconograficamente as recentes descobertas (Fig. 6), foram um divisor de águas na concepção do ocidente sobre o oriente (SAID, 1990). A história da arqueologia no Oriente Próximo é longa, complexa e permeada de interesses político-estratégicos, injunções diplomáticas e dificuldades financeiras. A fim de elucidar essa questão, propomos efetuar o estudo de caso de três sítios arqueológicos, distribuídos geograficamente no território iraquiano, e que podem exemplificar a temática.



Fig. 6 – Walter Andrae, 1923. Pastel sobre papel.

Proposta de reconstrução do santuário de Marduk e sua torre em andares, vista da Via processional, em direção norte (31,4cm X 49,2cm). Fonte: Vorderasiatisches Museum, Berlim. Com permissão. <https://www.smb.museum/en/open-science/use/>

Larsa e o Sul Mesopotâmico

O primeiro relato sobre o sítio de Larsa foi escrito por W. K. Loftus, que lá ficou e realizou uma sondagem em 1854. Em 1903, Larsa foi o objeto de uma exploração conduzida por W. Andrae, que descobriria o sítio de Kisurra no mesmo ano. A primeira escavação regular aconteceu somente em 1933, sob a direção de André Parrot (1933, p. 175-182). Em seu relato, ele deplora as pilhagens que devastaram o sítio durante o ano de 1931, explicitando que infelizmente tratava-se de uma prática de longa data, como lhe foi possível constatar de acordo com os objetos comercializados nos mercados de antiguidades (Fig. 7).

Foi somente em 1967 que Parrot pôde retornar ao sítio e empreender novas escavações (segunda campanha em janeiro, terceira campanha em dezembro). Em seguida, as escavações vão encontrar uma certa regularidade, pois entre dezembro de 1969 e janeiro de 1970 houve a quarta campanha, e em outubro/dezembro de 1979, a quinta, ambas empreendidas por J. Margueron (1980-1983, p. 500), que nos descreve assim o sítio ocupando hoje uma superfície de 190 ha:

O tell de Senkereh (Sinkara) se estende em uma zona atualmente desértica do Iraque meridional, há uns vinte km a leste de Uruk e uns quarenta ao norte de Ur. O Eufrates corre atualmente muito mais ao sul, próximo de Ur; mas pesquisas conduzidas recentemente sobre o terreno e o estudo de textos mostram que a cidade de Larsa encontrava-se sobre a antiga rede de águas do Eufrates, que não possui nenhuma relação com o atual.



Fig. 7 - Vista do *tell* de Larsa. Fonte: Mission Archéologique française de Larsa-Oueili. Com permissão. Disponível em: <https://archeologie.culture.gouv.fr/en/a-propos/larsa>.

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO ANTIGO IRAQUE

As escavações prosseguiram sob a direção de J.-L. Huot (1974 a 1989), e produziram vários relatórios durante os últimos anos. Os últimos resultados publicados por J.-L. Huot (1989; 1991) explicam como, a partir de algumas fotografias aéreas, foi possível estabelecer um levantamento preciso da cidade de Larsa (Fig. 8).

O sítio arqueológico de Larsa mede 1.750 m de comprimento por 1.600 m de largura, é pouco elevado (10 m em média, 22 m em seu cume) e recobre uma área total de 190 ha. O tell de Senkereh (Sinkara) se estende em uma zona atualmente desértica do Iraque Meridional, a cerca de 20 km a leste de Uruk e 40 km ao norte de Ur. Os arqueólogos descobriram uma evidência das muralhas da cidade, as quais revelaram três bairros (Fig. 7) (POZZER, 2003a, p. 24):



Fig. 8 – Plano da cidade de Larsa.

Fonte: Pozzer, 2003a, p. 24. Projeto Les Archives Privées de Marchands à Larsa Pendant la Deuxième Moitié du Règne de Rim-Sin.

- Um bairro administrativo e religioso, onde estavam situados o templo de E.babbar⁵⁰, o palácio de Nûr-Adad e os conjuntos de grandes edifícios;

50 E.babbar, em língua suméria, significa, literalmente, a casa brilhante, isto é, o templo do deus-sol Šamaš.

ARQUEOLOGIA DO ORIENTE ANTIGO

- Um bairro residencial, onde o povoamento era mais denso, com inúmeras casas no centro e prédios de significativas dimensões na periferia;
- Um bairro intermediário abrigando, também, moradias e fornos, os quais testemunhavam uma importante atividade artesanal.

Larsa possui uma verdadeira estrutura urbana, com zonas muito distintas: um bairro administrativo e religioso, com os templos e palácios; uma zona de grandes residências na periferia, algumas com mais de 500 m², contrastando com o centro, denso e ocupado por pequenas casas; e, mais ao sul, uma zona de atividade artesanal.

Babilônia, cidade universal

Babilônia⁵¹ surgiu como um pequeno estabelecimento urbano, por volta de 3700 AEC, com o nome de Babil, e se desenvolveu ao longo das margens ocidentais do Eufrates. No final do terceiro milênio AEC, Babilônia era uma cidade modesta, submetida à terceira dinastia de Ur. No século XVIII AEC, a primeira dinastia de Babilônia dominou a região e tornou-se uma potência, sob o comando de Hammu-rabi (1792-1750 AEC). Mas a unidade política demonstrou-se frágil ao longo dos séculos e, em 1595 AEC, a cidade foi tomada pelos hititas, povos do norte da Anatólia, atual Turquia, transformando-se, então, em uma cidade de menor importância no cenário político (SAGGS, 1998, p. 11).

A cidade sofreu sucessivas invasões, destruições e reconstruções, mas manteve sua supremacia cultural e religiosa através dos tempos graças ao culto ao deus Marduk renovado anualmente, nas festas do Akitu⁵². Marduk tornou-se a divindade suprema do panteão mesopotâmico. No poema da criação, “Enûma Eliš”, uma composição literária datada do reinado de Nabucodonosor I (1126-1105 AEC), Marduk é evocado como o deus supremo do Universo, aquele que fundou Babilônia e a tornou o centro de seu poder. Esse mito contribuiu para que a cidade se tornasse referência e pudesse atribuir legitimidade política aos reis que ali se sucedessem (ANDRÉ-SALVINI, 2008).

Sob a dinastia neobabilônica (625-539 AEC), a cidade tornou-se a capital do mundo oriental e recebeu enormes riquezas arrecadadas com os tributos pagos pelos reinos conquistados, possibilitando a construção de obras monumentais

51 Babilônia é formada pelas palavras Bab-ilî, em acádico, cuja tradução literal é “a porta dos deuses”.

52 Festa do Ano Novo, comemorado no solstício da primavera no hemisfério norte.

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO ANTIGO IRAQUE

como a muralha, os palácios e os templos, que tanto encantaram os viajantes antigos. Sob Nabucodonosor II (604-562 AEC), Babilônia tinha cerca de 1.000 ha de extensão e sua muralha, com oito portas⁵³, possuía 18 km de comprimento e 30 m de largura (JOANNÈS, 2001, p. 111-115) (Fig. 9).



Fig. 9 – Porta de Istar, Babilônia, 580 AEC. Tijolos esmaltados policrômicos, (14,73m X 15,70m). Reconstituída no Vorderasiatisches Museum – Pérgamo, Berlim.
Fonte: Foto da autora, arquivo pessoal, 2012

Mas Babilônia também é conhecida pelo seu zigurate⁵⁴, E.TEMEN.AN.KI, cuja tradução literal é “a casa da fundação do céu e da terra” e que foi o palco de um dos mitos fundantes da cultura ocidental, encontrado no Livro do Gênesis,

53 Segundo o urbanismo oriental, as portas das cidades eram o local de encontro entre o mundo civilizado urbano e o mundo selvagem da estepe. A mais famosa é a Porta de Istar, atualmente no Vorderasiatisches Museum, em Berlim.

54 Zigurate é a palavra em acádico para indicar uma construção em andares, derivada do verbo *zaqâru*, que significa “construir prédio alto”.

capítulo 11, versículos de 1 a 9, como a Torre de Babel (*A Bíblia de Jerusalém*):

Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras. Como os homens emigrassem para o oriente, encontraram um vale na terra de Senaar e ai se estabeleceram. Disseram um ao outro: “Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!”. O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa. Disseram: “Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus! Façamo-nos um nome e não sejamos dispersos sobre a terra!”. Ora, Iahweh desceu para ver a cidade e a torre que os homens tinham construído. E Iahweh disse: “Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio sera irrealizável para eles. Vinde! Descamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros”. Iahweh os dispersou dali por toda a face da terra, e eles cessaram de construir a cidade. Deu-se-lhe por isso o nome de Babel, pois foi lá que Iahweh confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi lá que ele os dispersou sobre toda a face da terra.

A estrutura original da Torre de Babel foi construída por Hammu-rabi (1792-1750 AEC), mais tarde destruída pelo rei assírio Senaqueribe, em 689 AEC, quando este conquistou Babilônia. Ela foi reconstruída por vários reis, tendo sua restauração finalizada por Nabucodonosor II (604-562 AEC), rei da dinastia caldeia. O zigurate de Babilônia também é conhecido graças ao relato de Heródoto, que o descreveu como uma torre em oito andares, com uma escada externa em espiral, com bancos em cada andar “para que aqueles que subiam se repousassem, com um grande templo no último andar, aonde o deus em pessoa, segundo os sacerdotes caldeus, viria passar a noite com uma mulher escolhida por ele” (GLASSNER, 2003, p. 171). A narrativa de Heródoto faz alusão aos rituais de hierogamia realizados durante as festividades de Akitu, onde o rei e a sacerdotisa principal, legítimos representantes dos deuses, teriam relações sexuais dentro do templo localizado no ápice da torre, e, assim, garantiriam prosperidade e fertilidade para todo o reino (Fig. 10).

Uma descrição mais precisa sobre a torre foi encontrada em um tablete de argila datado de 229 AEC conhecido como o “Tablete da Esagila”, que apresenta as dimensões do templo do deus Marduk e do zigurate de Babilônia. Da Torre de Babel, subsistem apenas suas fundações construídas sobre um plano quadrado de 91 m de lado, formando uma área total de 8.100 m². O interior era de tijolos secos ao sol, enquanto as paredes externas eram de tijolos cozi-

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO ANTIGO IRAQUE

dos, com 15 m de espessura, e teriam atingido uma altura de 90 m (Fig. 11). Estima-se que seriam necessários cerca de 36 milhões de tijolos e três mil homens trabalhando, durante dois anos, para sua construção (POZZER, 2003b, p. 71).



Fig. 10 – Plano de Babilônia

Fonte: Fenollós, 2017, p. 24. Adaptado de Wartke, 2008, p. 94. Acesso livre.

Legenda:

- 1, 2 e 3. Palácios
4. Via Processional
5. Porta de Istar
6. Zigurate
- 7, 14, 15, 16, 17 e 18. Templos
8. Bairro de residências privadas
- 9 e 10. Muralhas
11. Curso antigo do Eufrates
12. Curso atual do Eufrates
13. Aldeias modernas



Fig. 11 – Reconstrução do zigurate de Babilônia.

Fonte: Orient Cunéiform. Com permissão. Disponível em: <https://archeologie.culture.gouv.fr/orient-cuneiforme/en/architecture-ziggurat>

Nínive, a capital assíria

Para a assiriologia, o primeiro império que atingiu extensão de grandes proporções foi o Império Assírio. Ele reivindicava ser herdeiro dos modos de organização imperial e legitimação das épocas de Sargão de Akkad (2340-2159 AEC) e de Hammu-rabi, rei da Babilônia (1792-1750 AEC), ambos poderosos soberanos do sul mesopotâmico (LARSEN, 1979, p. 90) (Fig. 12).

As primeiras escavações arqueológicas realizadas em Nínive, na primeira metade do século XIX, estão na origem da arqueologia oriental. A região já era conhecida pelos relatos dos exploradores e viajantes europeus desde o final da Idade Média, como o rabino Benjamin de Tudela, o primeiro que escreveu sobre a localização das ruínas abandonadas de Nínive, em 1173.



Fig. 12 – Vista do sítio de Nínive.

Fonte: Google Earth. Katia Maria Paim Pozzer, 2023

Uma expedição dinamarquesa, liderada por Carsten Niebuhr, enviada à Arábia, passou ali alguns dias, em março de 1766. Desta excursão Niebuhr publicou um extraordinário relato de viagem que chegou ao conhecimento de muitos intelectuais da época. Mas foi Claudius Rich, que trabalhava para a Companhia das Índias Orientais, o primeiro a estudar o sítio arqueológico de Nínive. Em 1820, ele realizou sondagens e medições precisas do conjunto do sítio. Seu trabalho teve uma publicação póstuma, em 1836. Ele ainda deixou uma pequena coleção de antiguidades que, após sua morte, foi comprada pelo Museu Britânico e consistiu em uma das primeiras vitrines, em um museu europeu, de arte antiga mesopotâmica (LARSEN, 2001, p. 20-21).

O cônsul francês Paul-Émile Botta (1802-1870) foi o primeiro estudioso que empreendeu escavações arqueológicas em Kuyunjik, atual Nínive, em 1842. Como não encontrou nada além de tijolos de adobe, ele voltou seu interesse para o *tell* conhecido na época por Khorsabad, onde descobriu os primeiros relevos esculpidos assírios (LEICK, 2003, p. 240).

Em junho de 1842, chegou a Mossul, cidade no cruzamento de rotas comerciais do Império Otomano, um intrépido aventureiro inglês, Austen Henry Layard, que, juntamente com Botta, inaugurou as explorações arqueológicas no Oriente, antes mesmo de sua constituição enquanto disciplina. Mas nem

ARQUEOLOGIA DO ORIENTE ANTIGO

Botta, nem Layard puderam suspeitar da gigantesca tarefa a que se propuseram, tampouco puderam prever as inúmeras dificuldades que iriam enfrentar. Layard trabalhou durante vários anos em Nínive, Nimrud e Khorsabad e realizou importantes descobertas, como o palácio de Senaqueribe ou o Obelisco Negro de Shalmanaser III (CURTIS; READE, 1995, p. 9-16).

As escavações arqueológicas que se iniciaram no século XIX desvendaram os palácios de importantes soberanos. O primeiro palácio descoberto foi o de Sargão II, em Dûr-šarrukin, sobre o sítio de Khorsabad, explorado por Paul-Émile Botta em 1843 e 1844. Após, seguiram-se as ruínas dos palácios de Kalhu pelo inglês Henry Austin Layard, desde 1845, e Nínive a partir de 1848, por Vitor Place e H. Rawlison. Em 1872, em Nínive, H. Rassam descobre a Biblioteca de Aššurbanipal, e, a partir de 1903 até o início da I Guerra Mundial, em Aššur, realizou-se uma escavação arqueológica que serve de modelo até os dias de hoje (READE, 2006, p. 18).



Fig. 13 – Cena de caça ao cervo com rede. Alabastro. Ass.ria, 645-635 AEC. Nínive, Palácio Norte, sala S.
Fonte: Pozzer, 2017, p. 143.

Seis reis assírios deixaram evidências materiais de um tipo de relevo: Aššurnazirpal II (883-859 AEC), no palácio noroeste da cidade de Nimrûd; Salmanassar III (853-824 AEC), no palácio central da cidade de Nimrûd; Teglatphalassar III (745-727 AEC), nos palácios do centro e do sudoeste da cidade de Nimrûd; Sargão II (722-705 AEC), no palácio de Korshabad; Senaqueribe (705-681 AEC), no palácio sudoeste da cidade de Nínive; e Assurbanipal (669-

627 AEC), nos palácios do sudoeste e norte da cidade de Nínive. Eram baixos-relevos sobre lajes de alabastro, repartidos em duas ou mais partes, recobrando as paredes dos palácios e podendo ultrapassar 2 m de altura (Fig. 13) (READE, 2006).

O patrimônio cultural e a guerra no Iraque

Atualmente, o território do Iraque tem uma área de mais de 438.000 km² e cerca de quarenta milhões de habitantes. A história recente da região está marcada por uma guerra civil que já dura vários anos e fez milhares de vítimas (BENRAAD, 2010).

O Iraque tem onze mil anos de história e cerca de meio milhão de sítios arqueológicos. Destes, 25.000 são considerados de maior importância, tendo sido “apenas” 12.000 escavados regularmente. O país possui, ainda, centenas de museus e bibliotecas, e todo este patrimônio vem sendo saqueado e destruído desde a Guerra do Golfo, em 1991, quando uma primeira lista de objetos roubados foi estabelecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em mais de quatro mil peças.

Além disso, o embargo financeiro e comercial imposto pelo Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1990, foi responsável pela deterioração irreversível do patrimônio da humanidade. Más condições de conservação, devido à falta de produtos químicos necessários para a manutenção das coleções (importação proibida), infiltração, águas subterrâneas e calor (após desligamento da climatização) resultaram na degradação catastrófica de milhares de objetos.

A guerra no Iraque iniciada pela coalizão coordenada pelos governos inglês e norte-americano, com a finalidade de controlar uma das regiões do planeta mais ricas em petróleo e água, deflagrou uma das maiores (senão a maior) catástrofes culturais de todos os tempos.

Soma-se a isto o saque sistemático aos sítios arqueológicos em todo o território. Num país sob um duríssimo embargo comercial há quase três décadas, com um empobrecimento considerável da população, em meio a uma invasão por exércitos estrangeiros, num cotidiano de violência, com atentados a bomba diários, a luta pela sobrevivência também passa, infelizmente, pelo saque de sítios arqueológicos de reconhecido valor internacional, pois a venda de um pequeno

objeto pode representar o alimento para toda uma família por várias semanas...

Mais recentemente, o Iraque tem sido o cenário de uma guerra com atos de violência inéditos, perpetrados pela organização terrorista autointitulada Estado Islâmico, que se tornou um dos atores mais desestabilizadores do Oriente Médio. Seu crescimento foi financiado, principalmente, por receitas advindas do controle de campos de petróleo, mas também do comércio de antiguidades saqueadas – um mercado alimentado em grande parte pela demanda ocidental. O chamado Estado Islâmico é composto por elementos do antigo regime iraquiano, combatentes estrangeiros, tribos locais e outros que juraram fidelidade ao grupo por questões ideológicas ou simplesmente por medo (FANUSI; JOFFE, 2015, p. 3).

Sabemos que existe uma verdadeira hemorragia arqueológica na região do Oriente Próximo, intensificada pelas ações do chamado Estado Islâmico. As escavações clandestinas alimentaram um mercado negro de contrabando de objetos de arte, e acredita-se que o tráfico ilícito tenha sido uma das principais fontes de recursos financeiros, depois do petróleo.

A arqueóloga libanesa Joanne Farchakh Bajjaljy (2015), especialista em arqueologia em tempos de guerra, explica a política de propaganda dos jihadistas do chamado Estado Islâmico:

existem dois aspectos muito importantes que não foram suficientemente cobertos pela mídia. Primeiro: a destruição do patrimônio iraquiano. O Iraque e a sua história se confunde com a região do Oriente Médio, à qual o Líbano pertence. A segunda: a destruição do patrimônio cristão, pois a herança cristã está ameaçada, uma civilização que ainda vive, mas que está desaparecendo.

Casos documentados, como a destruição sistemática das antiguidades na cidade de Mossul, são um exemplo das práticas destes grupos terroristas que pretendem apagar os vestígios do passado (ALJUBOORI, 2017).

Apesar de povos muito diferentes (acádios, assírios, babilônicos, persas, gregos, otomanos, árabes) terem ali se estabelecido, devido a sua posição geográfica estratégica, há uma continuidade cultural, mantida por uma longa tradição de aculturação bem-sucedida e transmitida de geração em geração. A população iraquiana tem muito orgulho e respeito pela sua herança cultural, pelos sítios arqueológicos que, de alguma forma, pertencem ao seu ambiente familiar (BAHRANI, 2003).

Atualmente, o Iraque é palco de conflitos militares, de genocídio e de destrui-

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO ANTIGO IRAQUE

ção do seu patrimônio histórico-cultural e essa situação se configura em crime contra a humanidade. Diante desta terrível realidade, estudar e pesquisar a memória da Mesopotâmia antiga é missão urgente e necessária! Mais do que nunca é preciso discutir, alertar e ensinar a necessidade da preservação do patrimônio, seja ele artístico, arquitetônico, histórico e natural, pois nós somos responsáveis pelo futuro do nosso passado.

Referências

- ANDRÉ-SALVINI, B. *Babylone*. Catalogue de l'exposition. Paris: Hazan, 2008.
- ALJUBOORI, A. Y. *A Reflection on three years of occupation by ISIL*. ASOR. Disponível em: <http://www.asor.org/news/2017/07/3rd-anniversary-isil/>. Acessado em: 14/03/2018.
- BAHRANI, Z. Iraq's Cultural Heritage: Monuments, History, and Loss. *Art Journal*, Vol. 62, No. 4 (Winter, 2003), pp. 10-17. Disponível em: College Art Association Stable. URL: <http://www.jstor.org/stable/3558482>. Acessado em: 17/07/2012.
- BAJJALY, J. F. *Comment le trafic d'antiquités fait vivre l'EI et anéantit la civilisation assyrienne*. Disponível em: <https://www.lorientlejour.com/article/918178/comment-le-traffic-dantiquites-fait-vivre-lei-et-aneantit-la-civilisation-assyrienne.html>. 2015.
- BARNETT, R. D. *Sculptures from the north palace of Ashurbanipal at Nineveh (668-627 B.C)*. London: The British Museum Publications, 1976.
- BEDFORD, P. R. *Empire and exploitation: In the Neo Assyrian Empire*. Disponível em: <http://prophetess.lstc.edu/~rklein/Doc6/bedford.pdf>
- _____. "Neo-Assyrian Empire". In: I. MORRIS e W. SCHEIDEL, (eds.). *The Dynamics of Ancient Empires. State Power from Assyria to Byzantium*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2009, p. 30-65.
- BENRAAD, M. *L'Irak*. Paris: Le Cavalier Bleu, 2010.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, A. São Paulo: Paulus, 1985.
- BIENKOWSKI, P.; MILLARD, A. *Dictionary of the Ancient near East*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.
- BORDREUIL, P.; BRIQUEL-CHATONNET, F.; MICHEL, C. *Les Débuts de l'Histoire*. Paris: Éditions de La Martinière, 2008.
- BOTTÉRO, J. *Mésopotamie – L'Écriture, la raison et les dieux*. Paris: Éditions Gallimard, 1987.
- BOUZON, E. *O Código de Hammurabi*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Ensaio Babilônicos: Sociedade, Economia e Cultura na Babilônia Pré-Cristã*. Porto Alegre: EDIPUCRS, Col. História 19, 1998.
- CARDOSO, C.F.S. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Ática, 1986.
- COLLINS, P. *Assyrian Palace Sculptures*. London: British Museum, 2008.

ARQUEOLOGIA DO ORIENTE ANTIGO

CORNELLI, G. (Org.). *Representações da Cidade Antiga: categorias históricas e discursos filosóficos*. Coimbra, Classica Digitalia, 2010.

CURATOLA, G. *L'Art en Mésopotamie*. Paris: Hazan, 2006.

CURTIS, J. E.; READE, J. *Art and Empire: Treasures from Assyria in the British Museum*. New York: Metropolitan Museum of Art, 1995.

FANUSIE Y. J.; JOFFE, A. *Monumental Fight – Countering the Islamic State's Antiquities Trafficking*. Washington: FDD Press, 2015.

FENOLLÓS, J.-L. M. *Las murallas de Babilonia. Nueva interpretación de una maravilla del mundo antiguo*. Revista Universitaria de Historia Militar. Vol. 6, no. 12, 2017, p. 20-49.

GLASSNER, J.-J. *La Mésopotamie*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

_____. *La Tour de Babylone*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

HUOT, J.-L. (direction). *Larsa-Travaux de 1985*, Paris: ERC, 1989, p. 13-52.

_____. Les Travaux Français a Tell El 'Oueili et Larsa, *Akkadica* 73, Bruxelles, 1991, pp. 1-32.

HUOT, J.-L., THALMANN, J.-P., VALBELLE, D. *Naissance des cités*. Paris: Nathan, 1990.

JOANNÈS, F. *La Mésopotamie au 1er millénaire avant J.-C*. Paris: Armand Colin, 2000.

_____. (org.). *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*. Paris: Robert Laffont, 2001.

LARSEN, M. T. (ed.) *Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires*. Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979.

_____. *La Conquête de l'Assyrie 1840-1860. Histoire d'une découverte archéologique*. Paris: Hachette, 2001.

LEICK, G. *Mesopotâmia. A Invenção da Cidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

LIVERANI, M. *Oriente Antigo*. São Paulo: Edusp, 2016.

MARGUERON, J.-Cl. *Larsa-Archäologisch*, RIA VI, Berlin-New York, 1980-1983.

_____. *Los Mesopotámicos*. Madrid: Cátedra, 1996.

OATES, J. *Babylon*. Revised Edition. London: Thames & Hudson, 2008.

PARROT, A. Les Fouilles de Tello et de Senkereh-Larsa, *RA* 30, Paris, 1933, pp. 175-182.

_____. *Assur*. Paris: Gallimard, 2007.

POZZER, K.M.P. *Les Archives Privées de Marchands à Larsa Pendant la Deuxième Moitié du Règne de Rim-Sîn*. Lille: ANRT, 2003a.

_____. Cidades Mesopotâmicas: História e Representações. *Revista Anos 90*. Nº 17, 2003b, pp. 61-73.

POZZER, K. M. P. Os mesopotâmicos tinham fome de quê? Literatura, cultura material e outras histórias. *Heródoto*, Unifesp, Guarulhos, v. 2, n. 2, Dezembro, 2017. p. 137-152

_____. Babel e a representação do sagrado na Cidade Antiga, *In*: G. CORNELLI

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DO ANTIGO IRAQUE

(Org.). *Representações da Cidade Antiga: categorias históricas e discursos filosóficos*. Coimbra, Classica Digitalia, 2010.

_____. *História Antiga Oriental*. Canoas: Ed. ULBRA, 2013.

READE, J. Nimrud. In: CURTIS, J. (ed.). *Fifty Years of Mesopotamian Discovery: The Work of the British School of Archaeology in Iraq 1932-1982*. London: The British School of Archaeology in Iraq (London), 1982.

_____. *Assyrian Sculpture*. London: The British Museum Press, 2006.

ROAF, M. *Mesopotâmia*. Barcelona: Folio, 2006.

ROUX, G. *La Mésopotamie*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

SAGGS, H. W. F. *Au temps de Babylone*. Paris: Éditions du Félin, 1998.

SAID, E. W. *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.